

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|

Literatura brasiliense

□ OLÍMPIO PEREIRA NETO



Depois de acirrados debates na Assembléia Nacional Constituinte, a mudança da capital brasileira para o Planalto Central passou a fazer parte da Constituição de 1891. Ainda no século XIX, destacaram-se na crônica mudancista o senador Paranaguá e o presidente Floriano Peixoto, que criou a Missão Cruls.

Cronistas históricos



O estudo da literatura de Brasília deve ter início pela crônica histórica como gênero ou forma de expressão literária, tendo em vista sua presença na vida dos brasileiros a partir de 1789, quando Tiradentes divulgou a idéia da interiorização da capital do Brasil.

A partir da Inconfidência Mineira, chefiada por José Joaquim da Silva Xavier - o Tiradentes -, o assunto da mudança da capital brasileira, do Rio de Janeiro para um lugar afastado da beira-mar, virou tema das conversas de grupos, inclusive diplomáticos.

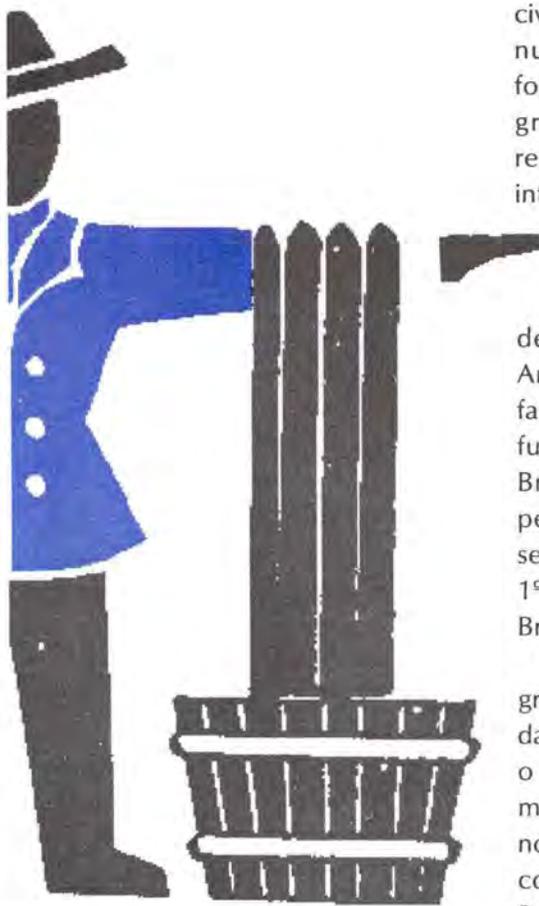
O escritor cearense Ismael Pordeus, em seu livro *Raízes históricas de Brasília*, apresenta uma plêiade de cronistas que, no período de 1789 a 1956, mantiveram acesa a chama da mudança da capital do Brasil para o interior. Entre eles destaca-se o apologista-mor do assunto, o jornalista Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, chamado Hipólito da Costa ou Hipólito José da Costa, que foi para a Inglaterra e lá editou o jornal

“Correio Braziliense”, assegurando espaço para quem quisesse escrever sobre as coisas do Brasil, em especial sobre o afastamento da capital do litoral para o interior.

Em intervalos de 10 a 30 anos, a propaganda mudancista sobre a capital do Brasil sofria um reforço, pelos cronistas apaixonados pelo assunto, que, inicialmente, foram encorajados por Hipólito José da Costa. Prosseguiram no debate o Chanceler Veloso de Oliveira, o Pe. João Ribeiro, os senadores Jobim, Holanda Cavalcanti e o Marquês de Porto Seguro, Adolfo de Varnhagen, que influenciou muito sobre a escolha do local onde Brasília está situada. No Congresso Nacional do Império, ecoaram as vozes dos deputados Antonio e Ernesto França, bem como a do bravo parlamentar, José Bonifácio de Andrada e Silva, que, em 1823, propôs que a nova capital do Brasil tivesse o nome de Petrópolis, em homenagem a D. Pedro I, que acabara de tornar a nossa pátria independente.

Mas José Bonifácio percebeu que o nome Petrópolis não tinha sido aceito e sugeriu um nome neutro para a capital brasileira no interior, que passaria a chamar-se Brasília, com a explicação filológica de cidade filha do Brasil.

Depois de acirrados debates na Assembléia Nacional Constituinte, a mudança da capital brasileira para o Planalto Central passou a fazer parte da Constituição de 1891.



Ainda no século XIX, destacaram-se na crônica mudancista, porém com atitudes concretas, o senador Paranaguá, que apresentou projeto no Senado, criando a Comissão Exploradora do Planalto Central, e o presidente Floriano Peixoto, que nomeou o cientista Luiz Cruls para chefiá-la, o que resultou na inclusão da expressão “Futuro Distrito Federal” no mapa geral do Brasil, justo no ponto em que Brasília se encontra.

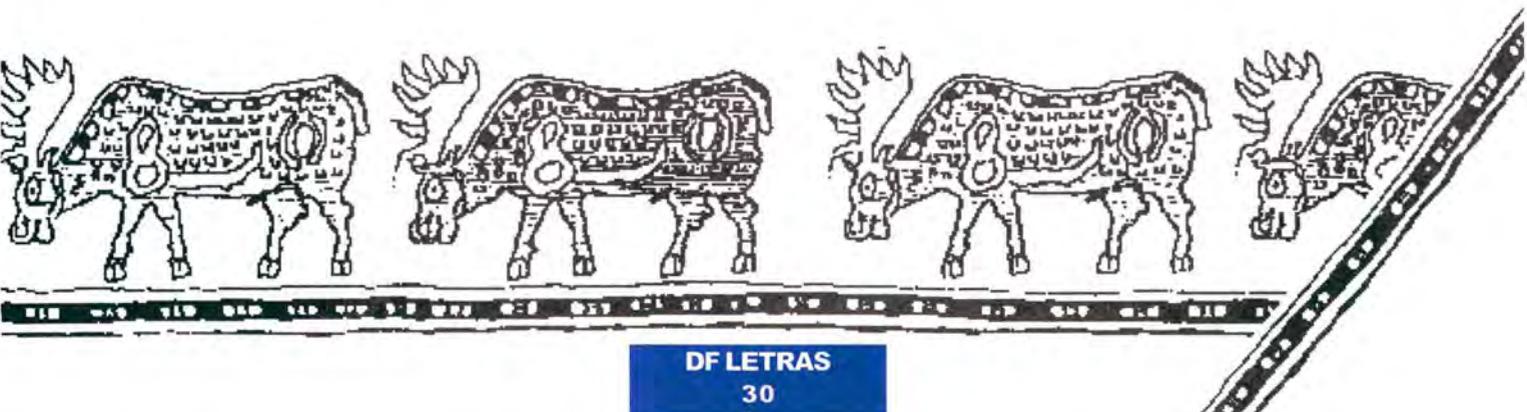
Devemos reconhecer que o sonho profético de Dom Bosco, que via o surgimento de uma nova

civilização entre os paralelos 15 e 20, numa extensa enseada, onde se formava um lago, foi um fator de grande influência no mundo religioso e na imprensa do mundo inteiro.

No século XX, a propaganda da nova capital do Brasil foi retomada pelo deputado federal por Goiás, Dr. Americano do Brazil, que criou o fato político do lançamento da pedra fundamental da Nova Capital do Brasil, no morro do Centenário, perto de Planaltina/DF, em 22 de setembro de 1922, por ocasião do 1º Centenário da Independência do Brasil.

Na seara do planalto goiano, o grupo de Luziânia, depois do grupo da Inconfidência Mineira, foi talvez o mais aguerrido na propaganda mudancista, indicando pormenorizadamente para onde mudar e como construir a Nova Capital do Brasil. O grupo de Luziânia agremiou-se na Academia de Letras e Artes do Planalto e os ideais ali debatidos eram divulgados no jornal “O Planalto” ou nos almanaques que editavam, num movimento integrado entre Goiânia, Luziânia, Planaltina, Formosa, Corumbá, Anápolis e Pirenópolis.

No período da construção de Brasília e no pós-mudança, os escritores Gelmires Reis e o Dr. José Dilermando Meireles foram baluartes na resistência, para que a cultura literária não sucumbisse, pois, ainda hoje, há quem desconheça a povoação e a cultura existente, antes de Brasília tornar-se



a nova sede do Governo da República do Brasil.

Em 1948, designado pelo então presidente Mal. Eurico Gaspar Dutra, o general Djalma Poli Coelho confirma o trabalho realizado por Luiz Cruls e escolhe o Sítio Castanho para a construção do plano piloto da nova capital.

O presidente Getúlio Vargas criou e nomeou o general Agnaldo Caiado de Castro para presidir a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, que mais tarde foi transformada na Novacap, existente ainda hoje.

O engenheiro e político Jerônimo Coimbra Bueno, juntamente com o médico Hozanah Guimarães, que governaram Goiás de 1945 a 1950, foram grandes cronistas da causa da mudança da capital federal para o planalto goiano. Destacamos o fato de se ter instituído a estação de rádio Brasil Central, com a mensagem repetida de hora em hora, durante anos a fio: "Fundação Coimbra Bueno pela Nova Capital do Brasil, no Planalto Central".

A campanha política do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, para presidente da República do Brasil, foi a crônica convincente, uma espécie de plebiscito no qual o povo votou no candidato que havia pregado, no país inteiro, a mudança da nova capital e sua construção no centro do território da pátria.

Às 12 horas do dia 2 de outubro de 1956, no aeroporto Vera Cruz, próximo do terminal ferroviário atual, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira desce do avião e pisa o solo onde edificaria a futura capital do Brasil, sendo que, mais tarde, no acampamento de Bernardo Sayão e Jofre Parada, na Fazenda Gama,



importante lição de civismo.

A mensagem que ficou

Com a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, depois de uma epopéia de trabalho ininterrupto de técnicos, cantangos e máquinas, ao longo de uma faixa de cerca de mil dias, o povo brasileiro deu ao mundo uma demonstração de sua capacidade de trabalho, de sua fé e de sua confiança

no futuro da pátria. Criava condições para o início de uma nova era na História do Brasil, com o "gigante pela própria natureza" encontrando-se a si mesmo, no seu interior, para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas, que ainda se encontravam em estado potencial, inertes e latentes, na ampla Região Centro-Oeste e no grande Norte do país.

assim se expressou: "Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como Presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional, que me deram inspiração e força para erguer Brasília no coração do Brasil, com o sentido de transformação e transfiguração do meu país".

Entre 6 de outubro de 1956 e 21 de abril de 1960, a Nova Capital do Brasil foi plantada no Sítio Castanho, às margens direitas do rio Paranoá. A partir de então, o jornalista, historiador, pesquisador e escritor José Adirson de Vasconcelos tem sido o cronista maior de Brasília.

José Adirson de Vasconcelos, cuja pesquisa documentada é altamente avaliável, tem publicado suas crônicas nos mais variados órgãos de imprensa, porém com mais freqüência no "Correio Braziliense" e já as reuniu em cerca de vinte e cinco livros, sendo considerado, por isso, o maior cronista de Brasília em construção e depois de inaugurada.

O advogado Dr. José Adirson de Vasconcelos, cearense da cidade de Acaraú, conterrâneo do grande sonetista Padre "Mãe", pioneiro e cronista maior de Brasília, merece as reverências de todos por esta

eram, assim, lançados - na antevisão do jornalista Hipólito José da Costa, em 1813 - os "fundamentos do mais extenso, ligado e bem defendido e poderoso império que é possível existir na superfície do globo". E um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na história do seu país e de toda a humanidade: o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Litoral e interior uniram-se no coração do território brasileiro, onde nascem os grandes rios e, com Brasília, as grandes estradas. As rodovias, as ferrovias e a aviação encontraram um ponto central e equidistante do todo nacional, pólo irradiador da unidade, da integração nacional e do desenvolvimento sócio-econômico e cultural de uma imensa

área, correspondente a dois terços do nosso território.

Daí a propriedade com que Juscelino Kubitschek, ao definir Brasília, chamou-a de "cérebro das altas decisões nacionais", lançou, numa visão futuroológica, "os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País" e anteviu uma "alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino". (Vasconcelos, José Adirson de. pág. 85, *Memorial Brasília*, União Editora, Brasília, 1995).

Estudo sobre a crônica

O vocábulo crônica procede do latim *chronica* e tem o significado de narração histórica ou registro de fatos



comuns, feitos por ordem de acontecimento, ou de pequeno texto de enredo indeterminado. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, págs. 502/503, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, São Paulo, 1986).

Podemos concluir também que, modernamente, crônica é artigo de jornal ou de revista, às vezes designado por *coluna*, que contém reflexões sobre assuntos vários como literatura, teatro, política, acidentes, vida social ou pequenos fatos da vida diária.

Há informações de que Joseph Addison e Sir Richard Steel foram os primeiros a publicarem crônicas, no mundo, usando as páginas do semanário "The Tatler", na Inglaterra, nos anos de 1709 a 1711.

A crônica foi introduzida antes do final do século XVIII, sendo que, em nível nacional, os cronistas destacados foram João do Rio (Paulo Barreto), Machado de Assis e Rubem Braga, entre muitos outros.

Períodos na literatura brasiliense

Como vimos, depois de campanhas e mais campanhas em prol da mudança da Capital Federal para o planalto goiano, também chamado Planalto Central Brasileiro, no correr do ano de 1956 iniciou-se a construção de Brasília.

Veio muita gente para ajudar a construir a Nova Capital do Brasil, apesar do medo de a população brasileira desaproveitar a mudança da capital federal, deixando de vir morar aqui.

Os pioneiros da construção trouxeram suas famílias, ficaram e hoje, trinta e oito anos depois, continua vindo gente para Brasília.

A comunidade brasiliense, com o seu *modus vivendi*, foi aos poucos estabelecendo normas sociais cujo somatório resulta na cultura da cidade.

Brasília, respeitada e amada, ficou grande, populosa e a administração dos seus problemas exigiu autonomia política para o Distrito Federal.

Dentro da sua ordenação político-administrativa, a Lei Orgânica do Distrito Federal, em seu artigo 235, § 2º, recomenda estudar Literatura Brasiliense.

E, para cumprir a lei, no estudo da literatura referente a Brasília, desde 1789 até o presente, propomos a divisão nos períodos seguintes:

1º) de 1789 a 1891 - Idéia da Interiorização da Capital;

2º) de 1891 a 1922 - Propaganda Mudancista;

3º) de 1922 a 1960 - Ufanismo, Construção e Apologia do Futuro;

4º) de 1960 a 1963 - Auto-Afirmação de Brasília;

5º) de 1963 a 1976 - Manifestações Literárias em Brasília;

6º) de 1976 a 1980 - Literatura Alternativa no DF;

7º) de 1980 a 1990 - Contextualização Literária no DF;

8º) de 1990 a..... - Agremiação e Expansão da Literatura no Distrito Federal.

Literatura Brasiliense é a expressão que está escrita na Lei Orgânica e se refere a toda literatura produzida em território do Distrito Federal ou fora dele, contextualizada ou inspirada no viver dos habitantes dessa fração federativa do Brasil.

Com o estabelecimento da Literatura Brasiliense em períodos cronológicos, encerramos o estudo da primeira manifestação literária a respeito de Brasília, a crônica histórica.

Olímpio Pereira Neto é escritor e membro da Academia Taguatinguense de Letras (ATL).